

**A Arteterapia na escola:
importância do vínculo**

Autora: Sara Cristina dos Santos Sá

ARTETERAPIA NA ESCOLA: IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO

Sara Cristina dos Santos Sá¹

Eliana Moraes²

Mariana Farcetta³

Resumo: Este artigo foi escrito com base no estudo de caso realizado na disciplina de estágio em Arteterapia Sistêmica pelo Instituto Faces, realizado na Escola Municipal Soares Pereira, na cidade do Rio de Janeiro. Foram atendidas 07 crianças, com idade entre 09 e 11 anos, no período de maio a dezembro de 2022. Durante os atendimentos, foram utilizados materiais de desenho, tais como lápis de cor, giz de cera, tintas, papéis coloridos e jogos, a fim de auxiliar na expressão das emoções, na melhora nas relações e diminuição do comportamento violento entre os alunos.

Palavras-chave: Arteterapia; vínculo terapêutico; violência nas escolas.

Introdução

Esta pesquisa faz parte da disciplina de estágio supervisionado em Arteterapia Sistêmica pelo Instituto FACES - Instituto de Formação e Aperfeiçoamento nas Ciências da Educação e Saúde e tem como objetivo auxiliar na relação interpessoal de crianças com comportamento violento em ambiente escolar. Participaram desta pesquisa 7 crianças, na faixa etária de 9 à 12 anos, todas alunas da Escola Municipal Soares Pereira, no bairro da Tijuca, na cidade do Rio de Janeiro. A escolha da escola se deu por ser uma instituição pública de ensino, que atende crianças que moram em comunidades como o Borel, Formiga e

¹ Graduada em Administração de Empresas pela Universidade de Belford Roxo (UNIABEU). Pós-graduada em Psicologia Positiva pelo Centro de Psicologia Aplicada e Formação do Rio de Janeiro (CPAF-RJ). Aluna - Pós-Graduação em Arteterapia pelo Instituto Faces. Email: sarasantos.scss@gmail.com

² Professora Orientadora

³ Professora orientadora

Casa Branca. Essas comunidades estão localizadas próximas à escola e, segundo o IBGE, as duas comunidades juntas reúnem aproximadamente 25.400 habitantes.

A violência no ambiente escolar

Em uma audiência pública realizada pela Comissão de Educação (CE) do Senado foi apontado o aumento de agressões nas escolas, sendo elas um reflexo de problemas vividos pela sociedade. Em 2019, tivemos o surgimento da Pandemia do Covid-19, segundo os pesquisadores presentes na CE, a evasão das escolas, o atraso nos conteúdos escolares, a violência vivida na sociedade, o desemprego e o retorno da fome, são fatores que contribuíram para a tensão dentro das escolas. (Agência Senado, 2022⁴)

Durante a audiência o acolhimento foi citado como sendo um dos elementos importantes nesse momento dentro das escolas. Tony Marcelo, presidente da Comissão de Urgências para Paz nas Escolas do Distrito Federal, disse, durante a audiência, que é preciso haver escuta ativa, diálogo e acolhimento dentro das escolas, para entender quais as necessidades dos estudantes. Segundo Tony: “a escola nada mais é que o reflexo de uma sociedade que apresenta problemas agudos. Fortalecer o papel social da escola neste momento é criar vínculos”. (Agência Senado, 2022⁵)

Outro dado importante, apontado pela UNICEF (2021⁶), nos alerta para a violência doméstica que acomete crianças de até 09 anos. Ao alcançarem a idade entre 10 a 14 anos, meninos negros são as maiores vítimas de violência urbana. Mediante os comportamentos de violência, entre os alunos, presenciados na Escola Municipal Soares Pereira, evidenciou-se a aplicabilidade de atividades arteterapêuticas como um meio de ajudá-los a expressarem suas emoções e melhorarem suas relações.

⁴ Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/06/08/violencia-nas-escolas-especialistas-reforcam-imp-ortancia-de-acolhimento-de-estudantes>

⁵ Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/06/08/violencia-nas-escolas-especialistas-reforcam-imp-ortancia-de-acolhimento-de-estudantes>

⁶ Disponível em:

<<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/nos-ultimos-cinco-anos-35-mil-criancas-e-adolescentes-foram-mortos-de-forma-violenta-no-brasil>>

De acordo com o Panorama da Violência Letal e Sexual Contra Crianças e Adolescentes no Brasil, que se baseia nos registros de ocorrências de violência letal e violência sexual contra crianças e adolescentes de até 19 anos de idade, constata-se que:

Entre 2016 e 2020, 35 mil crianças e adolescentes de 0 a 19 anos foram mortos de forma violenta no Brasil – uma média de 7 mil por ano. Além disso, de 2017 a 2020, 180 mil sofreram violência sexual – uma média de 45 mil por ano. (UNICEF, 2021⁷)

Segundo a UNICEF, é urgente a necessidade de se criar políticas capazes de prevenir e responder à violência. Algumas recomendações foram citadas nesta matéria, e dentre elas uma das que se destaca é a seguinte: “Garantir a permanência de crianças e adolescentes na escola, entendendo a escola e os profissionais da educação como atores centrais na prevenção e resposta à violência.” (UNICEF, 2021⁸)

Outro dado importante elucidado por Papalia, afirma que “meninos agressivos tendem a ganhar *status* social ao final da 5ª série, sugerindo que o comportamento “valentão” pode ser visto como “legal” ou glamouroso pelos pré-adolescentes.” (PAPALIA, 2013)

Essa afirmativa corrobora com o fenômeno de conflito constatado entre as crianças na escola. Olhando para além de uma necessidade de obter status, Papalia (2013) também nos leva à reflexão de que a violência pode estar ligada a questões sociais:

O que faz as crianças agirem agressivamente? Uma das respostas pode ser o modo como elas processam informações sociais: quais os aspectos do ambiente social em que focalizam a atenção e como interpretam o que percebem. Os agressores instrumentais – ou proativos – consideram a força e a coerção meios eficazes de conseguir o que querem. (PAPALIA, 2013, p 367)

Mediante o exposto acima, evidenciamos o quão prejudicial é para a vida e desenvolvimento das crianças a violência que acontece dentro e fora das escolas. Entendendo a potencialidade da Arteterapia para a ajuda no autoconhecimento, conhecimento das emoções e ajuda na melhora das relações interpessoais, foi escolhida para ser um canal de refrigério na vida das crianças, que estudam na E.M. Soares Pereira.

A Arteterapia no ambiente grupal

⁷Disponível em:

<<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/nos-ultimos-cinco-anos-35-mil-criancas-e-adolescentes-foram-mortos-de-forma-violenta-no-brasil>>

⁸Disponível em:

<<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/nos-ultimos-cinco-anos-35-mil-criancas-e-adolescentes-foram-mortos-de-forma-violenta-no-brasil>>

A Arteterapia atua como uma ponte que permite ao indivíduo acessar suas emoções, dentro do *setting* arteterapêutico. É papel do arteterapeuta escutar o sujeito, de forma ativa, levando em consideração as demandas ali expressadas. Mediante o que for percebido durante os atendimentos, são selecionados os materiais necessários que permitirão ao indivíduo entrar em contato com suas emoções e caminhar para o autoconhecimento. (MORAES, 2019)

Para além de facilitar a elaboração de trabalhos artísticos, a Arteterapia ajuda o indivíduo a alcançar o autoconhecimento, através da utilização das atividades artísticas elaboradas no *setting* terapêutico, com o acompanhamento de um profissional capacitado a atender de forma terapêutica. Vejamos o conceito de Arteterapia apontado por Ciornai (2004):

Arteterapia é o termo que designa a utilização de recursos artísticos em contextos terapêuticos. Esta é uma definição ampla, pois pressupõe que o processo do fazer artístico tem o potencial de cura quando o cliente é acompanhado pelo arteterapeuta experiente, que com ele constrói uma relação que facilita a ampliação da consciência e do autoconhecimento, possibilitando mudanças. (CIORNAI, 2004, p 07)

É de suma importância reforçar que o arteterapeuta tem o papel de portador de materiais expressivos que se tornam uma potência quando utilizados de forma orientada e criativa dentro do *setting* terapêutico, com a finalidade de desafogar dores de um indivíduo ou de um grupo de pessoas. (MORAES, 2019)

Pensando na aplicabilidade das atividades grupais, Moraes joga luz para a potencialidade das atividades arteterapêuticas neste formato, salientando as trocas valiosas neste ambiente, durante o processo arteterapêutico:

Propostas arteterapêuticas que envolvem práticas compartilhadas colocam os sujeitos em ato para que possam se deixar atravessar pela interferência/contribuição do outro. Mas, antes disso, mesmo em práticas individuais, mas vivenciadas na presença do outro, já torna-se possível a abertura de um campo para que haja uma troca e mobilização mútua entre os sujeitos. (MORAES, 2022⁹)

Ao entrar no *setting* terapêutico o arteterapeuta deve buscar compreender a realidade vivida pela sociedade na atualidade, bem como a experienciada pelo indivíduo em atendimento. O que acontece fora do *setting* pode vir a se manifestar durante a realização das atividades arteterapêuticas. Vejamos o que nos aponta, Moraes em seu Blog Não Palavra:

Sendo sempre o grupo terapêutico uma fração das dinâmicas sociais de seu tempo, é muito importante que o terapeuta sustentador do *setting* nos dias de hoje, reconheça e se instrumentalize para lidar com os “sintomas grupais” característicos da atualidade: intolerâncias, imposição de ideias, movimentos autodestrutivos das

⁹ Disponível em: <<https://nao-palavra.blogspot.com/2022/11/grupos-em-arteterapia-e-pratica.html>>

relações, introdução de assuntos outros que dispersam do propósito maior – a criação de possibilidades para a sustentação da relação. (MORAES, 2023¹⁰)

Ao se criar em Arteterapia, a mente humana acessa lugares dentro da psique humana de forma individual e coletiva. Dentro do *setting* arteterapêutico, tendo o vínculo sido formado entre arteterapeuta e cliente e/ou entre o grupo, as atividades mostram a sincronicidade entre o interior e o exterior, o indivíduo e o coletivo, o sujeito e o mundo.

O vínculo no *setting* arteterapêutico

No que tange ao vínculo, servir ao próximo vem sendo a espinha dorsal da profissão de terapeuta. Cardella (1994) apresenta sua visão sobre a relação de amor que existe entre o terapeuta e o sujeito atendido e como esse vínculo tem sua importância no auxílio para a redução do sofrimento psíquico humano. O indivíduo, como cliente, busca esse profissional a fim de encontrar alívio para suas dores. Vejamos o que diz a autora:

Servir ao próximo é o eixo da profissão. Dedicamos nosso trabalho aos que buscam amor, harmonia e alívio para seus sofrimentos. Acreditamos que o homem seja capaz de crescer e se auto-realizar. Procuramos aprender, conhecer e criar instrumentos e atitudes capazes de amenizar os conflitos humanos e acompanharmos o outro na sua busca para um sentido na vida. Confiamos nas potencialidades de cada um mesmo que estejam ocultas sob o desespero, as dificuldades e a dor. (p. 56)

Nesse contexto, acredita-se que ter uma atitude amorosa para com o cliente no *setting* arteterapêutico aproxima o profissional das raízes dos sofrimentos, que são a fonte de tantas dificuldades psicológicas daqueles que buscam ajuda clínica. (CARDELLA, 1994)

Segundo Cardella (1994), a postura afetuosa do terapeuta será de suma importância para a criação do vínculo no *setting* terapêutico, visto que rotineiramente o sujeito chega a este espaço impossibilitado de reproduzir atitudes amorosas devido às suas dores: “portanto, é o estado de amor do terapeuta que possibilita a formação do vínculo com o cliente, que em geral chega à psicoterapia impossibilitado de estar amoroso no mundo.” (CARDELLA, 1994)

Ciornai (2004), ao discorrer sobre a abordagem arteterapêutica, nos revela o papel do arteterapeuta como sendo de um facilitador e companheiro do sujeito que está sendo atendido. Ao caminhar lado a lado do cliente, o profissional se torna capaz de compreender sua

¹⁰Disponível em: < <https://nao-palavra.blogspot.com/2022/03/o-repensar-das-relacoes-parte-2.html>>

necessidade, tendo assim a capacidade de escolher o melhor experimento para cada encontro dentro do *setting* terapêutico.

Ao iniciar um processo terapêutico o indivíduo passa a vivenciar a relação entre ele e o arteterapeuta e, como cita Moraes, o vínculo se torna imprescindível, visto sua fundamentalidade para a subsistência do processo terapêutico:

Estas diretrizes iniciais apontam para aquilo que é a base de todo o processo: a formação de vínculo. Sem essa base, não é possível qualquer desenvolvimento terapêutico. Vale ressaltar que a formação de vínculo envolve o vínculo com o terapeuta e com os membros do grupo, uma vez que estes serão testemunhas de momentos bastante íntimos e delicados nesse caminho de autoconhecimento. (MORAES, 2023¹¹)

Mediante o exposto acima, podemos ver a importância do vínculo por parte do arteterapeuta e o indivíduo atendido, com o objetivo de entender qual técnica se adequa melhor à situação levada pelo cliente de forma consciente ou inconsciente. Tendo em vista a riqueza que há nas atividades arteterapêuticas, foi iniciada a pesquisa com alguns alunos da E.M. Soares Pereira, prezando pela criação do vínculo de forma leve e natural, com o objetivo de ajudar as crianças a lidarem com suas emoções e diminuir a incidência de brigas entre as crianças.

Método

O estágio supervisionado foi realizado no ano de 2022, entre os meses de maio a dezembro. A pesquisa atendeu 7 crianças, sendo duas meninas e cinco meninos, todos dentro da faixa etária de 9 a 12 anos. Inicialmente as sessões aconteceram uma vez por semana, em formato de grupo, presencialmente, em uma sala de vídeo da escola. A partir do oitavo encontro foi necessário dividir a turma em dois grupos para que as sessões fossem mais eficazes, tendo em vista que com o grupo grande aconteciam brigas que impactavam no aproveitamento das atividades. Dessas crianças, 6 estavam no 5^a ano do ensino fundamental e uma cursava o 3^o ano. Duas dessas crianças moravam em um abrigo e as outras moravam em comunidades próximas à escola com seus responsáveis legais. Nenhuma dessas crianças sabia ler e escrever ao início do estágio.

¹¹ Disponível em: < <https://nao-palavra.blogspot.com/2022/03/o-repensar-das-relacoes-parte-2.html> >

Abaixo, segue tabela com a relação de todas as atividades realizadas durante o estágio e o número de participantes presentes em cada encontro:

Tabela 1: Atividades das vinte sessões realizadas no estágio

Número de atendimentos	Data	No. de horas	Técnica aplicada	Material utilizado	Número de participantes
1	13/05/22	1 hora	Desenhando o monstro falado	Papel Sulfit A4 branca e lápis.	1
2	16/05/22	1 hora	Expressão livre com a linha no papel.	Folha Sulfit A4 branca, lápis de cor, canetinhas e giz de cera.	6
3	25/05/22	1 hora	Origami japonês.	Folha sulfite colorida A4, lápis de cor, canetinhas e giz de cera.	9
4	02/06/22	1 hora	Desenho em conjunto.	Papel Canson A3 e lápis.	3
5	08/06/22	1 hora	O que vejo através do meu nome?	Folha Sulfit A4 branca, lápis de cor, canetinhas e giz de cera.	7
6	15/06/22	1 hora	Brincando de mimica.	Jogo Mimica Maluca.	6
7	22/06/22	1 hora	Forma livre com massa de modelar.	Massinha de modelar de diversas cores e Folha Sulfit A4 branca.	8
8	08/07/22	1 hora	Jogo UNO.	Jogo UNO.	2
9	29/07/22	1 hora	Conhecendo as emoções.	Folha sulfite branca A4 dividida em 4 partes, lápis de cor, canetinhas e giz de cera.	3
10	08/08/22	1 hora	A mandala das emoções e o que você vê?	Papel Canson A3, tinta guache e pincéis.	4
11	15/08/22	1 hora	Ressignificando os sentimentos.	Papel Canson A3 utilizado na atividade anterior, papéis picados, cola e tinta guache.	2
12	22/08/22	1 hora	Mandala e limites.	Papel Canson A3 dividida ao meio, tinta guache e pincéis.	3
13	29/08/22	1 hora	Jogo da torre. Destruir ou construir?	Jogo Jenga.	4
14	05/09/22	1 hora	Brincando de mimica.	Jogo Mimica Maluca.	4
15	12/09/22	1 hora	O que vejo através do meu nome?	Folha sulfite branca A4, lápis de cor, canetinhas e giz de cera.	4
16	19/09/22	1 hora	Sentido a intensidade.	Papel Canson A3 e giz carvão.	2
17	07/10/22	1 hora	Mural da vida.	Papel Canson A3, revistas, cola.	3
18	24/10/22	1 hora	Música e desenho.	Aquarela, pincéis, papel Canson A3, pano para limpar pincéis e um copo com água.	5
19	09/11/22	1 hora	As 4 estações e os ciclos da vida.	Notebook para mostrar o vídeo clipe da canção "Vem e Vai das Estações" da Palavra Cantada.	3
20	18/12/2023	1 hora	Encerramento - Que árvore sou eu?	Papel Canson A3, canetinhas e lápis de cor.	3

Fonte: Acervo pessoal

Nas primeiras semanas de atendimento quatro crianças apresentaram comportamento violento, agredindo-se física e verbalmente, arremessando cadeiras escolares umas contra as outras e em alguns encontros algumas subiam em cima de um piano de cauda bastante danificado que ficava no auditório. Tais atitudes aconteceram durante as primeiras sessões, dificultando a aplicação de algumas atividades arteterapêuticas. Todos esses comportamentos desconcentravam as crianças e gerava uma sensação de insegurança naqueles que não apresentavam o mesmo comportamento. Portanto decidiu-se dividir o grupo de crianças em dois, sendo realizadas duas sessões por semana, a partir do 8º encontro, a fim de realizar 20 encontros com todos até o final da pesquisa.

Os grupos foram divididos da seguinte forma: Grupo "A", formado pelas crianças que não apresentavam comportamentos agressivos tão agudos, e grupo "B" formado pelas

crianças que, inicialmente, se agrediam fisicamente. Vale salientar que, antes da divisão dos grupos algumas crianças se ausentaram das sessões devido à falta de professores na escola, fazendo com que as sessões acontecessem algumas vezes com o grupo de crianças que seriam o grupo “A” e em outros momentos, somente com a presença de crianças do grupo “B”.

A partir do décimo encontro as sessões aconteceram no auditório e por vezes em salas de aula que estavam desocupadas, pois a mesa, cedida para a realização da pesquisa, que estava disposta na sala de vídeo foi retirada sem aviso prévio e não retornou para a mesma até o final das sessões. A Escola sofre com a depredação feita por alguns alunos, pode-se notar que a instituição possui salas com portas quebradas, por vezes as carteiras estavam bem sujas, fazendo com que tivéssemos que buscar, momentos antes das sessões, um local mais adequado para o encontro.

Resultado e discussão

As propostas arteterapêuticas objetivaram ajudar na relação interpessoal de crianças com comportamento agressivo em ambiente escolar. Durante os atendimentos realizados na escola foi possível perceber um comportamento violento entre as crianças, que por muitas vezes atrapalhava o desenvolvimento das atividades arteterapêuticas. Nas oito primeiras sessões foram observadas agressões físicas e verbais entre elas e em alguns encontros foi presenciado violência patrimonial, onde crianças arremessavam cadeiras dentro da sala de atendimento.

O terceiro encontro foi realizado com 9 crianças, onde foi utilizada a técnica do origami, tendo o seguinte tema: “O que vejo através dos meus óculos?”. As crianças foram instruídas a criarem um óculos e que eles pintassem o que gostariam de ver através deles. O objetivo dessa atividade era de perceber qual era a visão das crianças sobre elas mesmas e sobre o mundo. Além disso, esta atividade iniciaria o processo de autoconhecimento e de perspectiva sobre o futuro delas.

Durante a elaboração do óculos de origami, as crianças fizeram comentários negativos dos trabalhos umas das outras, falando frases como “seu óculos está feio”, “seu óculos está horrível”, “você não sabe desenhar”. Mesmo com eles discutindo enquanto produziam, todos fizeram os óculos e pintaram utilizando canetinha e lápis de cor. Algumas garatujas surgiram

nos óculos e alguns escreveram seus nomes no que seria a lente dos óculos. Vale ressaltar um episódio que aconteceu ao final da atividade: ao final da atividade duas das crianças que estavam na sessão entraram em uma briga corporal. Enquanto a arteterapeuta separava as duas crianças, a fim de que elas não se machucassem, uma terceira criança pediu para que a profissional não os separasse, para que a briga continuasse. A partir deste encontro foi decidido que o grupo seria dividido em dois, a fim de que a arteterapeuta pudesse atender a todos de uma forma mais tranquila e dando mais atenção a cada indivíduo.

Figura 1 e 2 - O que vejo através dos meus óculos?



Fonte: Acervo pessoal

Neste encontro pudemos evidenciar o quanto a violência fazia parte da realidade daquelas crianças. A atividade, além de levar a proposta de revelar os desejos dos alunos, também trabalhava a concentração e o relaxamento, porém, mesmo com uma proposta apaziguadora, as crianças se agrediram verbal e fisicamente.

Primeiramente, por se tratar de um encontro de fase inicial, a técnica do origami foi escolhida por ser uma atividade que a maioria das pessoas já tiveram acesso, a se pensar na criação do barquinho de papel que a maioria de nós já criou em algum momento da vida. A escolha da técnica e dos materiais tem um papel importante dentro do *setting*, visto que eles podem vir a facilitar ou dificultar a expressividade do cliente. Trago aqui a fala de Moraes (2023) nos apontando para o valor da escolha de materiais facilitadores dentro do *setting* terapêutico:

No início de um processo arteterapêutico (seja ele em grupo ou individual) é importante que o arteterapeuta se dedique a um desbloqueio criativo, pois na maioria das vezes os participantes podem apresentar falta de intimidade ou alguma resistência com as práticas criativas. É interessante que se utilize técnicas e materiais facilitadores, sem grande potencial de resistência. A experimentação e exploração

dos diversos materiais devem ser encaminhadas pelo arteterapeuta de forma progressiva quanto aos desafios apresentados por cada materialidade. (MORAES, 2023¹²)

Através dessa atividade, pudemos observar a importância de se criar um espaço, que possibilite aos indivíduos a expressão de suas ideias e sentimentos. Mesmo com a briga que aconteceu nesse ambiente, as crianças foram ouvidas e tratadas com respeito, tendo limites e acordos estabelecidos para se manterem no grupo. Podemos então entender, como nos aponta Moraes, que:

A presença de todos no mesmo espaço colabora para práticas criativas compartilhadas com o outro, algo tão revelador das dinâmicas e funcionamentos relacionais. Esse é um espaço em que as relações e seus atravessamentos aparecem de forma mais clara, através da fala e do silêncio, dos gestos, dos diferentes ritmos e das interações entre os participantes. (MORAES, 2023¹³)

Mediante o exposto acima, pudemos perceber que nesta sessão as crianças se sentiram à vontade para se expressarem, sem nenhum constrangimento. A situação da briga foi o retrato do que acontece dentro da escola de forma geral e naturalmente essa atitude poderia vir a acontecer no espaço arteterapêutico.

No 4º encontro foi levada a proposta das crianças criarem um desenho juntos, a fim de que eles percebessem que estamos no mesmo espaço e que o que um constrói pode vir a atravessar o outro e o que o outro constrói também pode vir atravessá-los. As crianças foram orientadas a desenhar, em uma folha Canson A4, utilizando lápis preto, observando seu tempo de criação e entendendo que quanto mais tempo ele ficasse realizando aquele trabalho, menos tempo o outro teria. A construção do desenho foi sendo feito com calma e respeitando o lugar do outro. Em momento algum elas discutiram.

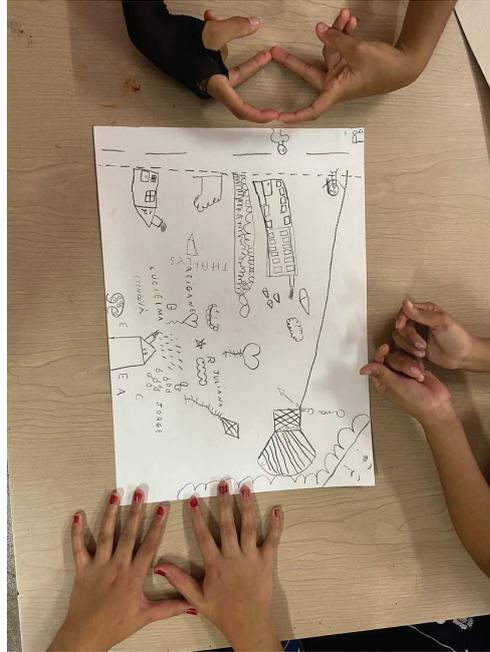
Observando a atividade em curso e já finalizada, pode-se notar que duas das crianças fizeram uma produção em conjunto, criando o cenário de uma cidade, formando juntos uma estrada com prédios, pessoas, sol, balão, nuvem e outros elementos que se comunicavam entre si. A terceira criança fez seu desenho na lateral do que seria a cidade. Naquele momento percebeu-se que ela não conseguia se vincular com as demais crianças ao ponto de criar juntamente com elas. Ao final do trabalho, uma das crianças que participou da criação da cidade percebeu que o trabalho da participante que criou na lateral da folha, não se conectava

¹²Disponível em: <<http://nao-palavra.blogspot.com/2023/04/grupos-arteterapeuticos-e-suas-diversas.html>>

¹³ Disponível em: <<http://nao-palavra.blogspot.com/2023/04/grupos-arteterapeuticos-e-suas-diversas.html>>

aos demais. Então, ele numerou a casa que ele desenhou com o número 12 e numerou a casa desta outra criança com o número 13, realizando um movimento de inclusão na atividade. Ao final, a participante que desenhou a nuvem disse que a nuvem estava chorando de felicidade.

Figura 2 - Criando juntos



Fonte: Acervo pessoal

Diante do exposto acima, podemos constatar que o resultado desta atividade está em linha com o estudo de Moraes, onde ela nos aponta que:

Podemos pensar que se estamos em tempos de (re)aprender a nos relacionarmos de forma ampla e saudável, só é possível fazê-lo na experiência com o outro. Em territórios arteterapêuticos, constatamos que a prática compartilhada se faz um potente recurso para o estímulo a esse aprendizado. (MORAES, 2022¹⁴)

Neste encontro a proposta foi de permitir que as crianças tivessem a oportunidade de criar em unidade, dando espaço uma à outra, permitindo que o outro criasse no mesmo espaço que o seu e permitir que elas pudessem perceber as escolhas umas das outras. Durante a atividade a arteterapeuta citou o quanto esta obra retrata nossa realidade no mundo, onde criamos como indivíduos individuais, porém o quanto nossas criações atravessam o lugar do outro.

Em uma das falas de Moraes, podemos observar sua colocação quanto ao lugar onde nos encontramos com o outro que pode ser um lugar de dor ou de cura:

¹⁴Disponível em: < <https://nao-palavra.blogspot.com/2022/03/o-repensar-das-relacoes-parte-2.html>>

Compreendemos que, dentro de um fenômeno coletivo, as relações humanas estão em crise. Entretanto se elas se apresentam como um desafio, também são fontes de alento. Se por vezes podem intoxicar como um “veneno”, através delas recebemos um “remédio”. Se por um lado são fonte de sofrimento, nelas encontramos a “cura”. (MORAES, 2023¹⁵)

Mediante o exposto acima, pudemos observar a criação de um cenário em conjunto, onde encontramos elementos organizadores e afetivos. Para além da observação do que foi elaborado pelas crianças, pudemos perceber a interação entre elas, a redução das agressões verbais, que não aconteceram neste encontro e a inclusão de uma das crianças no cenário criado em conjunto. Percebeu-se o quanto a criação em grupo tem uma função de vínculo e possibilita o acolhimento dos próprios participantes entre si. Esta atividade ajudou os indivíduos a perceberem seus sentimentos, os possibilitou expressá-los no papel e ao final todos estavam de fato criando juntos.

No 6º encontro foi levada a proposta de realizar uma brincadeira onde eles pudessem participar da atividade em conjunto, para que pudéssemos notar o nível de colaboração entre eles. A atividade escolhida foi o jogo de mesa educativo Mímica Maluca, fabricado pela empresa Toia. Este jogo é composto por diversos cartões com três sugestões de palavras em cada cartão. Como as crianças não sabiam ler, a arteterapeuta leu as palavras no ouvido de cada uma delas.

Durante a atividade, uma das crianças em específico estava muito inconformada por não conseguir entender o que os colegas estavam tentando dizer e por diversas vezes ele xingou as crianças que estavam na sessão. Foi então que a arteterapeuta interferiu dizendo que a realização desta atividade consiste em observar o que o outro está tentando dizer com gestos. Eles foram estimulados a pensar no que a pessoa que está tentando se comunicar estava sentindo ao ouvir as ofensas que estava recebendo, sendo que ela só estava tentando ajudar. Ao final da atividade chamei a criança que estava mais agitada para conversar em particular e foi dito a ele sobre a importância de ouvir com os olhos e com o coração o que o outro está dizendo. Olhei para ele e fiz em LIBRAS¹⁶ a frase “eu amo você” e perguntei a ele se ele havia entendido e ele disse que sim, pois um dos seus 3 irmãos é mudo e se comunica por libras. Neste momento seu olhar para o próximo mudou depois do vínculo criado entre o garoto e a arteterapeuta.

¹⁵Disponível em: <<http://nao-palavra.blogspot.com/2023/04/grupos-arteterapeuticos-e-suas-diversas.html>>

¹⁶ Sigla de Língua Brasileira de Sinais

No 14º encontro foi decidido repetir a brincadeira da mímica, no intuito de mensurar o nível de competitividade e afeto entre eles durante a atividade e comparar com a mesma realizada no 6º encontro. Nesta sessão 4 crianças compareceram, sendo duas participantes do grupo “A” e duas do grupo “B”. As crianças que compareceram na 14ª sessão estavam no 5º encontro.

A atividade foi iniciada informando que neste encontro eles seriam uma única equipe e que todos poderiam tentar descobrir o que estaria sendo gesticulado por um dos colegas. Todos participaram realizando os gestos, um de cada vez, e os demais tentavam descobrir. Notou-se nesta sessão que o espírito colaborativo e o respeito enquanto um dos participantes fazia a mímica. Não houve xingamentos, nem agressão física entre eles. Ao contrário, todos se divertiram e deram boas risadas durante todo o encontro. Ao final foi perguntado aos participantes qual palavra representava a atividade do dia e as que surgiram foram “amizade” e “união”.

A escolha da mímica se deu a fim de possibilitar que as crianças expressassem suas emoções de forma espontânea e até mesmo catártica. Moreno fala do Teatro da Espontaneidade, sendo um lugar de liberdade de expressão, que permite ao indivíduo expor-se livremente. Segundo sua bibliógrafa, escrita por Gonçalves, Wolff e Almeida (1988), encontramos o que Moreno pensava a respeito das expressões espontâneas dentro do teatro:

Ele conhecia o poder de catarse do teatro, mas discordava do uso de textos decorados e ensaiados. Desejava que as catarses aristotélicas e de ab-reação fossem substituídas por uma forma de expressão onde o ator, naquele momento de ação, tornar-se-ia o próprio autor e criador de sua história para transformá-la. (p 36)

Sendo a mímica uma atividade em que o indivíduo é convidado a se expressar com o corpo, a pessoa acessa um meio de expressão novo e se sente à vontade para aproveitar este momento para revelar emoções para além do objeto indicado na atividade. Moreno nos indica em sua fala o quanto o Psicodrama, quando realizado em grupo, é capaz de revelar o que estava oculto pelos indivíduos participantes do mesmo:

Os interesses, sentimentos e emoções vividos conjuntamente permitem, frequentemente, que os integrantes do grupo dêem voz àquilo que vinha sendo evitado, comunicando-se com seus companheiros e, posteriormente, com seu protagonista. Há uma integração não só de cada um em relação a si mesmo, mas também do grupo. “Começa a parte da sessão que corresponde à Psicoterapia do

Grupo. Os membros do grupo começam, um após o outro, a comunicar entre si os seus sentimentos e suas próprias experiências de conflitos análogos”, diz Moreno. (GONÇALVES, WOLFF E ALMEIDA, 1988, p 82)

No 8º encontro pudemos ver o conflito intenso entre as crianças durante a sessão. Depois desse episódio foram realizados mais 8 encontros, focados em levar conhecimento e conscientização sobre emoções, limites, construção, desconstrução e neste segundo momento, no 14º encontro, em que a mímica foi reaplicada pudemos ver que a relação entre eles foi ressignificada.

Podemos observar uma afetiva melhora na relação entre as crianças, que no segundo momento da brincadeira da mímica se respeitaram durante a atividade, deram espaço para que cada uma delas pudesse fazer os gestos e ouviram umas às outras com atenção e foco. Evidenciamos o quanto as práticas arteterapêuticas e o vínculo estabelecido entre elas ajudou no caminho para a ressignificação das relações. Pudemos então evidenciar o poder transformador do encontro e dos desencontros, como bem nos aponta Cardella (2020):

Os sofrimentos humanos acontecem no entre, nos encontros e desencontros vividos ou nos encontros não acontecidos. A cura é também fenômeno do entre, concebida em Gestalt Terapia como a restauração da abertura, do ritmo, do fluxo, do diálogo, da criatividade, e dos laços que nos unem/diferenciam do outro, processo de crescimento, atualização e realização da singularidade. A relação terapêutica pode ser a experiência matriz da abertura. (p 103)

Diante dos resultados neste artigo científico, acreditamos que a Arteterapia pode contribuir para a redução da violência dentro das escolas, através do vínculo formado no *setting* terapêutico. Todavia, pensamos da mesma maneira que Dias (Agência Senado, 2022), quando a mesma defende que para reforçar o desenvolvimento socioemocional dos alunos nos sugere a integração do acolhimento, a melhoria do aprendizado, participação das famílias e da escola nessa jornada.

Considerações Finais

O intuito desta pesquisa foi discorrer sobre os resultados evidenciados nas atividades arteterapêuticas aplicadas durante a pesquisa realizada na Escola Municipal Soares Pereira e mostrar como o vínculo criado entre a arteterapeuta e as crianças atendidas influenciou para o andamento das sessões, fazendo com que os resultados pudessem acontecer.

Analisando as atividades arteterapêuticas apresentadas nesta pesquisa, podemos afirmar que a Arteterapia, tendo o vínculo como elo entre cliente(s) e arteterapeuta, pode ajudar a diminuir o índice de violência entre os alunos. Através da aplicação de técnicas arteterapêuticas, aliadas a materiais facilitadores focadas em acessar as emoções, os sentimentos, possibilitar o autoconhecimento e as relações entre os participantes da pesquisa, dentro de um ambiente acolhedor e afetivo, percebeu-se que a Arteterapia pode auxiliar na ressignificação das relações e ajudar na melhora do convívio deles dentro da escola.

Ao observar os conflitos vividos no início das sessões da pesquisa em questão, e ver ao final dos encontros a união das crianças, o respeito entre elas, e a fala afetiva durante suas conversas, podemos afirmar a riqueza existente na Arteterapia e no trabalho realizado pelo arteterapeuta, que atua como mediador dentro do *setting* terapêutico, tendo uma escuta ativa e sensibilidade para selecionar a técnica e os materiais que irão reverberar sentimentos no indivíduo atendido, a fim de ajudá-lo a transformar aquilo que causa dor em seu ser.

Referências

CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. **O amor na relação terapêutica**: uma visão gestáltica. São Paulo: Editora Summus, 1994.

CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. **De volta para casa**: ética e poética na clínica gestáltica Contemporânea. São Paulo: Editora Amparo, 2020.

CIORNAI, Selma, **Percursos em Arteterapia**: ateliê terapêutico, Arteterapia no trabalho comunitário, trabalho plástico e linguagem expressiva, Arteterapia e história da arte, coleção novas buscas em psicoterapia, volume 63. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

GONÇALVES, C; WOLFF, J; ALMEIDA, W.. **Lições de psicodrama**: introdução ao pensamento de J. L. Moreno, 7. ed.. São Paulo: Editora Ágora, 1988.

MORAES, Eliana – **Pensando a Arteterapia**: volume 2 / Eliana Moraes. 1. ed., Divino de São Lourenço, Espírito Santo: Semente Editorial, 2019.

MORAES, Eliana: **Grupos ateterapêuticos suas diversas modalidades**. Disponível em: <http://nao-palavra.blogspot.com/2023/04/grupos-arteterapeuticos-e-suas-diversas.html>.

MORAES, Eliana. **Grupos em Arteterapia e Prática**. Disponível em: <https://nao-palavra.blogspot.com/2022/11/grupos-em-arteterapia-e-pratica.html>.

MORAES, Eliana. **O repensar das relações**, parte 2. Disponível em: <https://nao-palavra.blogspot.com/2022/03/o-repensar-das-relacoes-parte-2.html>.

PAPALIA, Diane E., **Desenvolvimento humano**, Ruth Duskin Feldman, com Gabriela Martorell; 12. ed., Porto Alegre: AMGH, 2013.

SENADO, Agência. **Violência nas escolas especialistas reforçam importância de acolhimento de estudantes** Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/06/08/violencia-nas-escolas-especialistas-reforcam-importancia-de-acolhimento-de-estudantes>.

UNICEF. **Nos últimos cinco anos 35 mil crianças e adolescentes foram mortos de forma violenta no Brasil**. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/nos-ultimos-cinco-anos-35-mil-criancas-e-adolescentes-foram-mortos-de-forma-violenta-no-brasil>.